

ARQUEOLOGIA & História

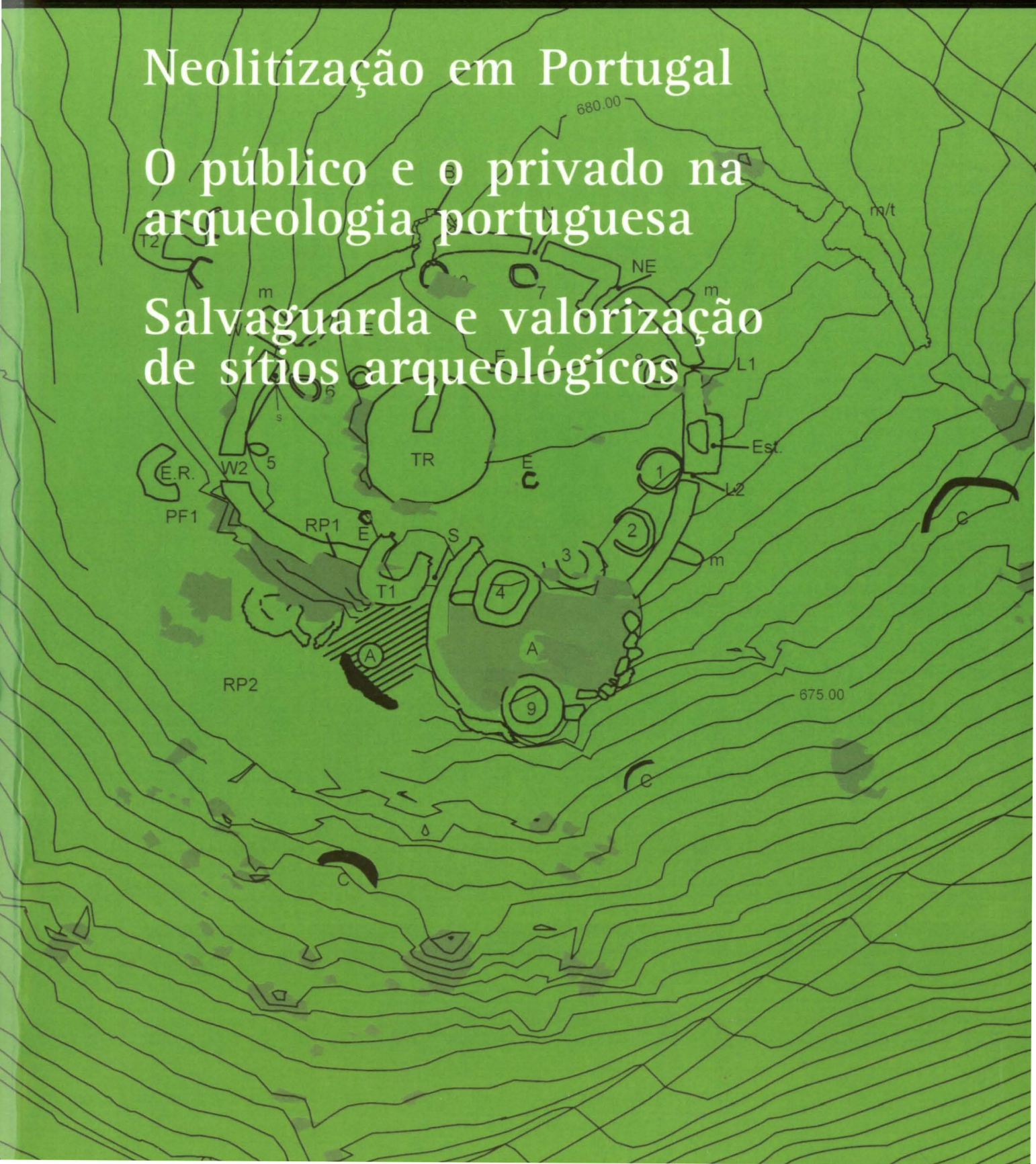


Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Volume nº55 | 2003

Neolitização em Portugal

O público e o privado na
arqueologia portuguesa

Salvaguarda e valorização
de sítios arqueológicos



Titulo
Arqueologia e História

Volume
55

Edição
Associação dos Arqueólogos Portugueses
Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa
Tel: 21 346 04 73 · Fax: 21 324 42 52
e-mail: associacao.arqueologos@clix.pt

Direcção
José Morais Arnaud

Coordenação
Paulo Almeida Fernandes

Projecto gráfico
oficina de design Nuno Vale Cardoso & Nina Barreiros

Impressão
Publidisa

Tiragem
350 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses
ISSN
972/9451-39-7

Solicita-se permuta
Exchange wanted

Ao artigos publicados nesta revista são da exclusiva
responsabilidade dos respectivos autores

As relações entre
Investigadores
da Arqueologia
Pré-Histórica,
Portugueses
e Alemães,
desde 1954,
ano da reabertura
do IAA em Madrid,
até ao ano de 1971,
quando foi fundado
o IAA em Lisboa

Hermanfrid Schubart

Intercâmbio científico, colaboração frutífera e relações amigáveis entre arqueólogos portugueses e alemães já existiam antes de 1943, ano da inauguração do IAA em Madrid, e 1954, reabertura do mesmo depois da Segunda Guerra Mundial. Desde o princípio, a área de trabalho do Instituto abrangeu toda a Península, o que se manifestou, exemplarmente, nos estudos que o seu primeiro director, Helmut Schlunk, dedicou aos monumentos tardo-romanos e paleo-cristãos de Portugal.

Quanto às investigações pré e proto-históricas, anteriores à fundação do Instituto de Madrid, tenho de tratar, em primeiro lugar, dos trabalhos fundamentais do casal Georg e Vera Leisner sobre o Megalitismo. No âmbito da competência pessoal do autor destas páginas, aos trabalhos que precederam o passo importante que significou a fundação de uma delegação própria do Instituto Arqueológico Alemão em Portugal, em 1971, é de mencionar, a seguir, o empenho de Edward Sangmeister e Hermanfrid Schubart face às questões da Pré-História Portuguesa.

A partir dos anos 30, os Leisner trabalharam na Península sobre o acervo megalítico, particularmente rico em Portugal, e em estreita colaboração com as personalidades determinantes da investigação, naquela época. O seu êxito resulta duma íntima colaboração, e do interesse e boa vontade que os colegas portugueses manifestaram, disponibilizando os seus materiais para a sua grande obra de síntese. Na introdução ao volume *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Der Süden*, publicado em 1943, os Leisner agradecem aos colegas espanhóis, especialmente a George Bonser e Luis Siret. Depois, lemos: "Em Portugal agradecemos, desde já, aos Professores Dr. Leite Vasconcelos e Dr. Manuel Heleno, directores do Museu Etnológico de Lisboa- Belém, pela sua compreensão e amabilidade, que gozámos durante os meses do nosso trabalho ali. É nosso desejo contribuir com material de comparação também para a Pré- História deste país, que se encontra a caminho de um novo auge." No entanto, já neste primeiro volume, *Der Süden*, os Leisner deram publicidade científica não apenas a material de comparação, mas também a achados importantes e plantas de sepulturas do Algarve.

Tal como a eclosão da Guerra Civil de Espanha obrigara os Leisner a regressar à Alemanha, o início da Segunda Guerra Mundial atrasou o seu regresso aos trabalhos até ao ano de 1943, quando, em Portugal, realizaram uma primeira viagem de estudo. Os últimos anos da guerra, a destruição da casa em Munique e os primeiros anos difíceis do pós-guerra levaram o casal Leisner a continuar em Portugal e a seguir, em condições bastante difíceis, a sua tarefa. Na introdução à nova obra, *Madridrer Forschungen 1*, escrevem: "Os nossos agradecimentos ao governo português, que, através de autorização de residência, possibilidade de investigação e autorizações de escavações, nos permitiu elaborar os resultados científicos que aqui apresentamos. O facto de termos podido continuar os nossos trabalhos, mesmo nos anos mais difíceis, deve-se ao apoio do Instituto de Alta Cultura do Ministério de Educação Nacional e ao seu presidente, Doutor G. Cordeiro Ramos, que se interessou pelos nossos estudos e nos apoiou. Em constante solicitude, os colegas espanhóis e portugueses apoiaram o nosso trabalho."

Neste contexto, me lembro sobretudo como Vera Leisner descreveu, de um lado, as dificuldades e, do outro, o apoio amigável dos colegas portugueses, que, nos anos do pós-guerra, permitiu a Georg e Vera Leisner viver estes anos difíceis em Lisboa, mantendo a sua actividade científica.

Os Leisner tinham iniciado a sua obra sem qualquer apoio ou financiamento oficial, contando com o apoio científico e moral de Hugo Obermaier, em Madrid, e de Gero von Merhart, em Marburg. Apenas mais tarde, algumas das suas viagens foram subsidiadas pela Deutsche Forschungsgemeinschaft. A colaboração com o Instituto Arqueológico Alemão começou quando o primeiro volume dos *Megalithgräber* foi inserido na série dos *Römisch-Germanische Forschungen*, publicada pela *Römisch-Germanische Kommission* em Frankfurt. A esta Instituição "que pelo seu empenho estimulou a continuação da obra" os Leisner guardaram uma gratidão duradoura, tal como à Direcção Central do Instituto Arqueológico Alemão em Berlim, cujo subsídio possibilitou, anos mais tarde, a publicação do primeiro volume sobre *Der Westen*.

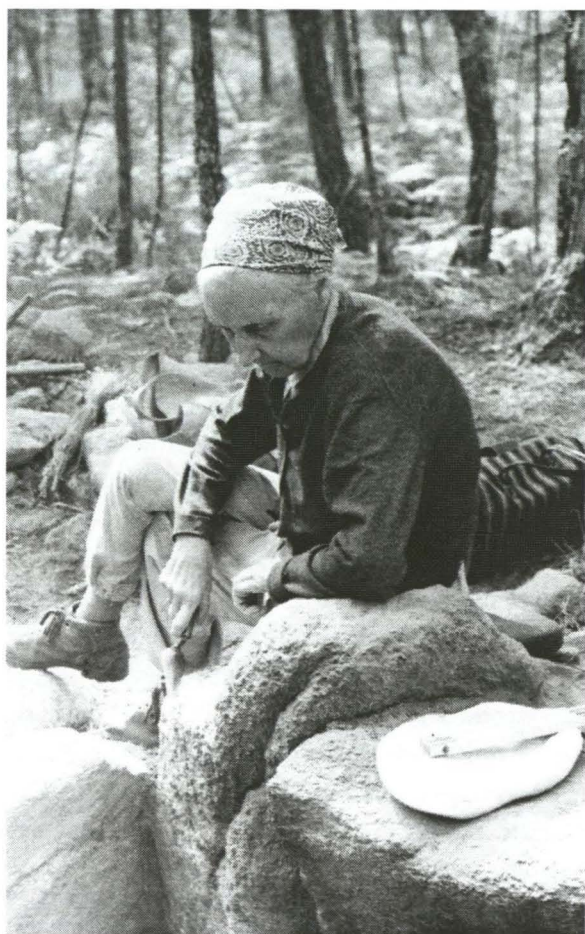
Os trabalhos dos Leisner desembocaram no novo Instituto Arqueológico Alemão de Madrid. Este Instituto tinha começado a trabalhar, em 1943, sob direcção de Helmut Schlunk, mas logo em 1945 teve de interromper a sua actividade. Tanto como os Leisner em Portugal, também Helmut Schlunk e a biblioteca do Instituto de Madrid sobreviveram aos anos do pós-guerra, graças à ajuda compreensiva dos colegas e amigos em Espanha. Em 1954, o Instituto de Madrid abriu novamente e ocupou-se da edição dos *Megalithgräber, Der Westen*, como vol. 1 dos *Madridrer Forschungen*. Os vários volumes foram elaborados por Georg e Vera Leisner, já em estreita colaboração com o IAA de Madrid, e com financiamento do mesmo.

O Instituto organizou e subsidiou as viagens que Vera Leisner achou ainda necessárias para a conclusão e elaboração do volume sobre o Megalitismo das Beiras, nas quais o autor destas linhas a acompanhou, ao volante de um carro todo terreno (Fig. 1 e 2). Desenhando plantas de Sepulcros Megalíticos e visitou inúmeros monumentos e museus, travando conhecimento com colegas portugueses. Assim, a iniciativa pessoal foi integrada numa instituição moderna de investigação. Finalmente, e no momento em que Vera Leisner teve que deixar de trabalhar, o projecto foi confiado, nesta instituição, a Philine Kalb. Para a investigação, isto representou, obviamente, uma continuação digna e uma conclusão feliz, claramente evidenciadas no



1. Dona Vera Leisner, acompanhada por sua irmã, fotografando um monumento megalítico no tejadilho do Land-Rover do Instituto Arqueológico Alemão.

Foto: H. Schubart



2. Dona Vera Leisner, durante as escavações de um sepulcro megalítico da Beira.

Foto: H. Schubart

Volume 4 dos *Madrider Forschungen* 1, sobre o Megalitismo das Beiras.

Os primeiros anos depois da reabertura do Instituto de Madrid coincidem com a fértil actividade de Edward Sangmeister, primeiro Pré-Historiador do quadro do Instituto de Madrid. Do Coronel Afonso do Paço, então um dos mais conceituados entre os arqueólogos de campo em Portugal, recebeu o convite para participar nas escavações de Vila Nova de São Pedro. A conversa preliminar sobre este assunto, tanto como mais tarde as conversas sobre o planeamento, em conjunto, das investigações no castro de Zambujal, tiveram lugar no histórico Café Versailles em Lisboa. A participação de Sangmeister em Vila Nova de São Pedro e a sua análise dos contextos e achados daquele sítio estiveram na base de um artigo publicado em alemão, na revista *Germania* (A. do

Paço und E. Sangmeister, "Vila Nova de São Pedro, eine befestigte Siedlung der Kupferzeit in Portugal", *Germania* 34, 1956, 211-230.), que teve grande impacto para a investigação, nomeadamente quanto à relação entre povoado e fortificação e às diferentes fases de ocupação. As observações daquele artigo influenciaram, igual e directamente, o planeamento das escavações no Zambujal, fortificação calcolítica comparável.

Também foi Edward Sangmeister que incluiu a Península Ibérica e os achados portugueses no grande projecto das análises metalúrgicas, que ele iniciara, juntamente com S. Junghans e M. Schröder, do Museu Estatal de Estugarda (S. Junghans, E. Sangmeister, M. Schröder, *Kupfer und Bronze in der frühen Metallzeit Europas, Studien zu den Anfängen der Metallurgie*, SAM, 2, 1968). Neste projecto foram recolhidas amostras de artefactos de bronze e de cobre, nomeadamente por Beatrice Blance, (B. Blance, *Die Anfänge der Metallurgie auf der Iberischen Halbinsel*, SAM 4, 1971). Mais tarde, Axel Hartmann, acompanhado por Philine Kalb numa viagem por museus de Portugal, recolheu amostras de objectos de ouro (A. Hartmann, *Prähistorische Goldfunde aus Europa II*, SAM 5, 1982; V. Pingel, "Die vorgeschichtlichen Goldfunde der Iberischen Halbinsel", *Madrider Forschungen* 17, 1992). Estas análises, para além dos resultados já publicados, podem fornecer valiosos dados de base para futuras investigações.

A presença de Vera Leisner em Lisboa, e o seu conhecimento do estado das investigações e da situação no país eram importantes para os membros do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid. Dona Vera, como geralmente foi intitulada, era o ponto de encontro e comunicação para quem queria trabalhar em Portugal. Assim, por exemplo, ajudou Klaus Raddatz, sucessor de Sangmeister como responsável pela investigação pré- e proto-histórica no Instituto Arqueológico Alemão de Madrid, aquando da sua publicação sobre os tesouros de prata da Idade de Ferro, dos quais uma boa parte era proveniente de museus portugueses (K. Raddatz, "Die Schatzfunde der Iberischen Halbinsel vom Ende des 3. bis zur Mitte des 1. Jahrhunderts v. Chr.", *Madrider Forschungen* 5, 1969; Portugal: Taf. 87-94). Idêntico apoio foi dado a Wilhelm Schüle e aos seus estudos sobre a



3. Dona Vera Leisner confraternizando com H. Schubart e com H. Schlunk (de costas).

Idade do Ferro da Meseta, aquando da documentação dos achados portugueses que, entre outros, incluem os importantes materiais da necrópole de Alcácer do Sal (W. Schüle, *Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel, Madrider Forschungen* 3, 1969; Portugal: S. 280-284, Taf. 88-110). Ambos estes trabalhos têm a sua importância, por darem conhecimento internacional aos achados portugueses no seu contexto peninsular e muito para além do seu significado local. Também a mim, H. Schubart, Dona Vera prestou orientação preciosa, nas minhas primeiras viagens em Portugal: apresentou-me a colegas e mostrou-me, pessoalmente, importantes sítios arqueológicos (Fig. 3). No dia 16 de Agosto de 1961, acompanhado por ela, que tinha na altura 75 anos, e por Leonel Trindade, director do Museu de Torres Vedras, cheguei a ver, pela primeira vez, o povoado calcolítico de Zambujal. Esta visita veio a dar início a um projecto de investigação do IAA que, ainda actualmente, está em curso.

Numa outra viagem com Vera Leisner, pelo Sul de Portugal, visitámos, em Atalaia, as escavações do arqueólogo Abel Viana que, durante dezenas de anos, trabalhou no Baixo Alentejo. Também nesta ocasião, no dia 28 de Fevereiro de 1962, deu-se origem a um projecto do IAA, as escavações naquela necrópole da Idade do Bronze, e as investigações mais abrangentes sobre o chamado Bronze do Sudoeste, no Sul de Portugal e Sudoeste de Espanha.

Antes da visita de Atalaia, tínhamos visto a colecção particular de Abel Viana, onde o autor, que naquela altura se interessava especialmente pela Idade do Bronze,

pela primeira vez, tomou conhecimento dos achados de Atalaia, escavados nos anos de 1959 e 1960. Tratava-se de uma escavação recente e reconheceu-se que aquela necrópole era, sem dúvida, um dos mais importantes sítios para esclarecer as relações culturais na Península Ibérica naquela época.

Abel Viana convidou o autor para continuar as escavações, uma vez que ele próprio já não tinha saúde suficiente nem dispunha de meios financeiros para tal. Imediatamente, se planeou, para Junho de 1962, uma campanha de escavações, sob responsabilidade de ambos. Posteriormente, a correspondência entre Abel Viana e o Director de Madrid, Helmut Schlunk, deu a este acordo a sua forma escrita e oficial.

Já na primeira visita à Atalaia fora reconhecida, entre os sistemas funerários II e III, uma elevação que, apresentando algumas lajes de xisto, parecia ser outro sistema (IV). Os resultados das escavações de 1962 e 1963 confirmaram esta observação. Em 1962 os sistemas I a III foram limpos outra vez e documentados numa planta à escala 1:20. Nesse mesmo ano, os sistemas IV e V foram escavados completamente, e em 1963 os sistemas VI e VII. Além disso, foi levantada a planta topográfica do sítio, por Vicente Viñas. Os vestígios de mais quatro sistemas (VIII-XI) eram visíveis sob a forma de concentrações de lajes de xisto, em parte soltas, em parte ainda fixadas na terra. Atalaia, para além dos resultados já obtidos, continua, no entanto a ser um tema de investigação interessante (H. Schubart, *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel, Madrider Forschungen* 9, 1975; H. Schubart, Atalaia. "Uma necrópolis de Idade do Bronze no Baixo Alentejo", *Arquivo de Beja* 22, 1965, 7-136; H. Schubart, "La Cultura del Bronce en el Sudoeste peninsular", *Miscelánea Arqueológica, XXV Aniversario de los Cursos en Ampurias, Barcelona* 1974, 345-370).

Tanto a colaboração quanto a convivência com Abel Viana e os seus colaboradores desenvolveu-se, nestas escavações, de uma maneira muito feliz. Conforme acordado, o Instituto Arqueológico Alemão custeou a mão-de-obra operária – até 16 trabalhadores chegaram a laborar – e pôs à disposição instrumentos topográficos e equipamento fotográfico. Abel Viana estava contente:

em carta dirigida a Octávio da Veiga Ferreira (amigo comum), relatou que se tratava de um "trabalho de gigantes"! e que ele (Veiga) seria incapaz de o imaginar, por ser tão grandioso! Que se trabalhava mesmo aos domingos e, a partir de um determinado dia, todos os dias duas horas extraordinárias!

Devido à precaridade da sua saúde, Abel Viana raramente se deslocou aos cortes da escavação. Cuidou de ser informado sobre o progresso da escavação e os resultados, tomando conhecimento de plantas e desenhos. Conforme combinado, tratou das ferramentas para o trabalho, do alojamento e da alimentação. Tanto ele e os seus colaboradores pessoais – uma cozinheira capaz e o seu assistente, Eduardo Arsénio, – como o autor, responsável pela direcção local da escavação, estávamos alojados nos edifícios anexos à Igreja da Nossa Senhora da Cola, vizinhos ao Castelo. Aí, e nesta companhia agradável, reuníamos todos para o jantar, que costumava ser opulento. Até existia um frigorífico, funcionando à base de gás butano! Frequentemente, o carro todo-o-terreno foi mobilizado para comprar, nos montes dos arredores, presuntos e carne de borrego ou vinho branco e aguardente de medronho. Apesar do trabalho duro durante o dia, vivia-se bem neste "ermo". A foto de Detlev-Michael Noack, fotógrafo que no fim da campanha documentou excelentemente os sistemas funerários, mostra bem uma daquelas reuniões nocturnas (Fig. 4).

Da autoria deste mesmo Dr. Detlev-Michael Noack, na altura fotógrafo do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid, é também a excelente imagem de Abel Viana,



4. Jantar de parte da equipa de escavações da necrópole da Atalaia (1962–1963), vendo-se à esquerda H. Schubart e à direita o Sr. Eduardo Arsénio e o arqueólogo Abel Viana.

que ocupa a primeira página da publicação de Atalaia no *Arquivo de Beja* (22, 1965, 7ss.). Esta fotografia mostra bem a importante e teimosa personagem que era Abel Viana, e o seu carácter humano e humorístico, com que facilmente conquistou a amizade das pessoas, entre outros a minha. É com dor que mencionamos que, apenas dois anos depois das escavações, e antes de estas serem publicadas, faleceu Abel Viana, que tanto mérito tinha pelo convite que dirigira ao IAA.

Leonel Trindade, que descobrira o Zambujal e acompanhou, como co-director e durante anos as escavações, não só viu o êxito destas, como também ainda viu a publicação, que lhe foi dedicada "em gratidão e amizade" (E. Sangmeister – H. Schubart, *Zambujal – Die Grabungen 1964–1973. Madrider Beiträge* 5, Teil 1, 1981 p. V). Numa primeira visita, Vera Leisner e o autor observaram na parte ocidental da fortificação central deste sítio, que fora escavada, parcialmente, já em 1959 e 1960, camadas que, sem dúvida, se estendiam por baixo da face do muro. Face ao contexto de Vila Nova de São Pedro, esta observação prometia novos resultados interessantes, tendo em conta, também, a arquitectura complexa deste povoado. Leonel Trindade, descobridor do sítio e co-director das escavações do Zambujal, também director do Museu Arqueológico de Torres Vedras, reagiu ao interesse mostrado pelos visitantes, com a oferta de continuar as escavações, oferta que de imediato foi aceite por H. Schubart para uma data posterior. Desde o princípio era óbvio que, ao contrário da Atalaia, a escavação do Zambujal exigiria maiores esforços em pessoal, meios e tempo. Durante uma viagem para a Alemanha, Schubart consultou, no Instituto de Pré- e Proto-História em Friburgo, Edward Sangmeister, que aceitou o convite e prometeu a sua colaboração. Para uma escavação em conjunto foi previsto o ano de 1964.

No verão de 1963, no âmbito dos preparativos para a escavação, H. Schubart visitou novamente Zambujal e o Museu de Torres Vedras, onde, devido à amabilidade de Leonel Trindade e com ajuda de Vicente Viñas Torner, conseguiu documentar os achados mais importantes procedentes das escavações de 1959/60 (A. do Paço, V. Leisner, L. Trindade, H. Schubart e O. da Veiga Ferreira, "Castro do Zambujal, Torres Vedras", *Boletim*

Cultural da Junta Distrital de Lisboa, II Série, 61/62, 1964, 279ss.). Em Junho de 1964, graças à amabilidade da Junta Nacional da Educação e ao empenho de D. Fernando de Almeida, o Ministério da Educação deu ao Instituto Arqueológico Alemão autorização para as escavações, que nos anos seguintes foi, sucessivamente, renovada. D. Fernando de Almeida aceitou o "patrocínio" da escavação, pelo que, também aqui reafirmamos os nossos profundos agradecimentos.

As escavações do Zambujal foram um trabalho comum do Instituto Arqueológico Alemão de Madrid e do Instituto de Pré- e Proto-história da Universidade de Friburgo, Alemanha. O IAA forneceu os meios financeiros. Nos primeiros anos, o Instituto de Friburgo financiou os custos dos colaboradores daquela unidade. A Câmara Municipal de Torres Vedras arranhou os edifícios, em parte caídos, do abandonado Casal de Zambujal, instalou salas de trabalho, uma cozinha e casas de banho com duche, e forneceu água. À Câmara Municipal de Torres Vedras e ao seu presidente cabem os nossos mais sinceros agradecimentos. Sem o seu apoio, as escavações teriam sido impossíveis na forma como foram conduzidas. É de esperar que a Câmara consiga realizar, dentro de um prazo razoável, o pequeno museu de sítio, que está planeado e, para o qual o IAA já assegurou o seu apoio.

Leonel Trindade, descobridor do Zambujal, figurou, durante todas as campanhas, como um excelente colaborador. Todos os problemas que durante os anos surgiram, fossem eles de carácter prático, ou pessoal, encontraram, com a sua ajuda, uma solução. Tanto estava ligado à escavação como aos próprios arqueólogos.

O percurso dos trabalhos entre 1964 e 1973 é já conhecido e está publicado em vários volumes dos *Madriдер Beiträge* 5.1 a 5.4. Além dos próprios trabalhos de escavação, foram igualmente realizados, nas últimas campanhas, sobretudo em 1973, trabalhos de consolidação e restauro. Todos os muros em pé da fortificação do Zambujal foram consolidados com argamassa; partes débeis foram reedificadas em técnica antiga, sendo claramente demarcadas das partes originais, por lajes de mármore branco.

Independentemente dos resultados científicos das escavações que, entretanto, são do conhecimento geral,

as campanhas realizadas entre 1964 e 1973 tinham, também, o seu significado como empreendimento científico internacional, que tanto influenciou a Arqueologia Centro-Europeia quanto a Portuguesa ou da Península Ibérica, no seu todo. Contribuíram para tal os estudantes procedentes das Universidades Portuguesas, os que vieram com Sangmeister da Alemanha, Áustria, e Suíça, ou com Schubart de Espanha. Entre todos contam-se participantes de catorze nacionalidades diferentes, que colaboraram pacificamente em amizade, alguns ainda se juntaram posteriormente, noutras investigações. Ainda resultaram, das campanhas do Zambujal vários caseamentos, alguns deles "internacionais" (Fig. 5).

É óbvio que cada escavação requer e faz evoluir um método próprio e adequado. No entanto, a experiência do Zambujal teve influência em muitas outras escavações em Portugal e Espanha. Konrad Spindler aproveitou a sua estadia no Zambujal para desenhar e catalogar achados do Museu de Torres Vedras, e publicou, com grande empenho pessoal, uma série de importantes complexos neolíticos e calcolíticos (K. Spindler, "Penedo", *Madriдер Mitteilungen* 10, 1969, 45ss.; G. Gallay, K. Spindler, "Cova da Moura", *Madriдер Mitteilungen* 11, 1970, 35ss.; K. Spindler, "Pico Agudo", *Madriдер Mitteilungen* 12, 1971, 51ss.; G. Gallay, K. Spindler, "Varatojo und Lapa do Suão", *Madriдер Mitteilungen* 13, 1972, 11ss.). Spindler continuou com as suas investigações sobre Pré-história portuguesa, tanto com as importantes escavações da *tholos* de Pai Mogo, perto de Bombarral, em 1971 (K. Spindler, G. Gallay, em *Madriдер Mitteilungen* 13, 1972, 38 ss.), como com outros estudos (*Madriдер Mitteilungen* 14, 1973, 60 ss.; 15, 1974, 28 ss.; 17, 1976, 21 ss.; 19, 1978, 11 ss.; *Kupferzeitliche Siedlung und Begräbnisstätten von Matakães in Portugal*, *Madriдер Beiträge* 1, 1973) assim como com um estudo de síntese sobre o povoamento de Portugal Central desde o neolítico até o Bronze Final (*Madriдер Beiträge* 7, 1981: Cova da Moura).

Na acima mencionada publicação final sobre as escavações de Zambujal entre 1964 e 1973 escreveu-se que esta não significava que o estudo daquela estação tinha terminado. O termo interino possibilitaria publicar os resultados das observações e os achados (E. Sang-



5. Equipa que participou na primeira campanha de escavações do Instituto Arqueológico Alemão no Zambujal, em 1964, vendo-se, à esquerda, H. Schubart e E. Sangmeister.

meister, H. Schubart, *Zambujal. Die Grabungen 1964 bis 1973, Madrider Beiträge* 5, 1, 1981; M. Kunst, *Zambujal. Glockenbecher und kerblattverzierte Keramik aus den Grabungen 1964 bis 1973, Madrider Beiträge* 5, 2, 1987; E. Sangmeister, M. d.l.C. Jiménez Gómez, *Zambujal Kupferfunde – Los amuletos, – Grabungen 1964 bis 1973, Madrider Beiträge*, 5, 3, 1995; H.-P. Uerpmann, M. Uerpmann, *Zambujal. Die Stein – und Beinartefakte aus den Grabungen 1964 bis 1973, Madrider Beiträge* 5, 4, 2003). Numa fase posterior de escavações poder-se-iam esclarecer numerosos problemas que, em 1973, ficaram em aberto (E. Sangmeister, H. Schubart, *Zambujal 1964 bis 1973*, 1981, p. 276). Entre estes figurava a questão (l.c. p. 215) se não existia, nos campos para Leste, num pequeno degrau no terreno, um quarta linha defensiva. Realmente, esta foi encontrada, nas escavações que começaram novamente a partir de 1994 (M. Kunst, H.-P. Uerpmann, "Zambujal. Vorbericht über die Grabungen 1994", *Madrider Mitteilungen*, 37, 1996, 10 ss.), o que mostra a actualidade, ainda hoje e depois

de 40 anos, de escavações no Zambujal para esclarecer problemas científicos.

Antes de começar no Zambujal, em Setembro de 1964, surgiram dificuldades de índole administrativa que pareciam pôr em questão as escavações no sítio e na data previstos. Uma vez que os preparativos tinham avançado e o financiamento estava assegurado para aquele ano, Schubart viu-se na incumbência de procurar, em Junho de 1964, um sítio calcolítico fortificado, que podia constituir uma eventual alternativa a Zambujal. Visitou, acompanhado por Vera Leisner, o povoado de Pedra de Ouro e reparou que este sítio, ao contrário do que era opinião comum, não estava totalmente destruído, mas sim, ainda conservava muros e torres bem reconhecíveis – indícios de um sistema fortificativo complexo. Com o mesmo fim, o autor visitou, com o Dr. Octávio da Veiga Ferreira, o Castro da Columbeira, perto de Bombarral, para o qual Veiga Ferreira já tinha conseguido a autorização de escavação, tendo-nos oferecido participação na mesma.

A visita a estes dois sítios calcolíticos, cuja escavação acabou por não se chegar a realizar, teve como consequência a elaboração de plantas topográficas e planimétricas pormenorizadas das duas fortificações. As duas publicações daí resultantes (V. Leisner – H. Schubart, "Die kupferzeitliche Befestigung von Pedra do Ouro/Portugal", *Madri der Mitteilungen* 7, 1966, 9ss. e H. Schubart, "Die kupferzeitliche Befestigung von Columbeira/Portugal", *Madri der Mitteilungen* 11, 1970, 59ss.; H. Schubart, O. Da Veiga Ferreira, J. Almeida Monteiro, "A fortificação eneolítica de Columbeira, Bombarral", *O Arqueólogo Português*, 3ª Serie, 3, 1969, 17-36); completaram, na altura, adequadamente as investigações no Zambujal.

Deve-se mencionar aqui que, graças à já mencionada intervenção de D. Fernando de Almeida junto do Dr. Manuel Heleno, as dificuldades foram superadas e as escavações começaram, finalmente, em 31 de Agosto de 1964, tendo a Junta Nacional da Educação concedido a autorização de escavação a H. Schubart e ao IAA. A partir dali, o Zambujal tornou-se uma tarefa primordial.

Para o autor deste texto, para além de Atalaia, Pedra de Ouro e Columbeira, existiam outros sítios em Portugal que tinham despertado o seu interesse, também para possíveis escavações. Tudo isto ficou para trás quando, em 1971, o IAA de Lisboa foi fundado e pouco mais tarde uma Pré-Historiadora, Doutora Philine Kalb, foi colocada como responsável do mesmo. Já não parecia necessário concentrar todo o empenho do IAA de Madrid na Pré-História de Portugal, tanto mais que em Espanha, em área muito maior, a Arqueologia Pré-Histórica tinha despertado até então relativamente menos atenção por parte deste mesmo Instituto. Assim, reforçaram-se, por um lado, as escavações Fenícias em Torre del Mar, e por outro lado procurou-se um novo sítio para escavar. Foi escolhido o povoado da Idade do Bronze de Fuente Álamo, na Andaluzia, Província de Almería. As escavações começaram em 1977 e terminaram em 1999.

É lícito mencionar, tratando aqui da História da Investigação, que não foi sem pena que o autor se retirou deste campo de investigação, que é a Pré-História de Portugal, depois de mais de uma dezena de anos. Ficou sempre estreitamente ligado ao país, aos amigos

e aos colegas. A sua presença e participação e, mais tarde, o seu permanente apoio ao IAA de Lisboa, são testemunho disto. Uma primeira tentativa de fundar o Instituto de Lisboa, em 1954, por Helmut Schlunk, não tinha sido coroada de sucesso imediato, apesar do apoio e da simpatia de colegas e instituições portuguesas para com aquela iniciativa. Vera Leisner apoiou a ideia nos planos moral e prático, e ficou muito feliz, quando, em 1971 pôde, ainda, participar na inauguração do Instituto Arqueológico Alemão em Lisboa. Era o início de uma evolução feliz, que veio a ter duas dezenas e meia de duração e sucesso.

Notas

¹ Tradução do original em língua alemã amavelmente feita pela Doutora Philine Kalb e revista por José Morais Arnaud.



Associação
dos Arqueólogos
Portugueses